

## Os dilemas da produção social da Identidade da Mulher Negra no processo de resignificação da tradição oral do Terno de Congado Sainha <sup>1</sup>

Gerson de SOUSA <sup>2</sup>

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a transformação na Tradição Oral do Terno de Congado Sainha, em Uberlândia, MG, a partir da produção social da identidade da Mulher Negra. Parte do seguinte problema: de que forma a produção de sentido da mulher, no contexto da Tradição Oral do Terno Sainha, pode restabelecer novos significados sem que isso desconfigure sua identidade enquanto tradição? Por meio da abordagem metodológica da Análise Cultural, dos Estudos Culturais, a proposta é desvelar, a partir da entrevista realizada com duas mulheres do terno, compreender a dialética do movimento da tradição oral em contraponto à produção de identidade de gênero no significado do Congado.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade; gênero; tradição oral; memória; comunicação.

### Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar as mudanças no processo comunicativo do Congado, em Uberlândia, por meio da discussão da produção social da identidade da mulher negra, a partir das conquistas e enfrentamentos vislumbrados na trajetória do papel feminino no Terno Sainha. A partir das entrevistas coletadas com duas mulheres significativas do Terno, a rainha perpétua do Congado em Uberlândia, Darci Rodrigues, e de uma Congadeira, Cristina Perón, o objetivo é identificar como as mulheres, em seu processo de construção de identidade, passaram a conquistar novos espaços valorativos no terno. A consequência desse processo é compreender como a questão de gênero somado ao fator de raça, passaram a ocupar tempo e espaço no cotidiano do Congado, de forma expressiva ao ponto de alterar a configuração de setores que eram até então destinados ao papel masculino.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação e Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, email: [g.sousa1971@hotmail.com](mailto:g.sousa1971@hotmail.com).

---

É importante considerar que essas mudanças, seja nos conflitos externos, seja na demonstração exteriorizadas, como no desfile anual ocorrido nas ruas centrais da cidade de Uberlândia, desvelam o movimento dialético da tradição oral no tempo presente. As entrevistas integram a pesquisa intitulada “**A construção da identidade do popular no processo comunicativo: análise cultural da produção de sentido e representação do congado no cotidiano de Uberlândia**”, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa em Minas Gerais (Fapemig).

O congado é uma expressão da cultura popular do Congo, no continente africano, trazida ao Brasil por meio da colonização. Inspirada no cortejo dos reis congos tem por objetivo agradecer os seus governantes. Essa manifestação é uma forma de reviver a vasta cultura africana submetida a violência física e espiritual ao longo da história. O poder religioso materializado no processo de cristianização teve como concepção provocar mudança na identificação de homens e mulheres tornados escravos, forçando-os a abandonar suas crenças, devoções, cultos e ritos religiosos. Mas os sujeitos objetivados pelo sistema tinham suas táticas e estratégias em meio à escravidão: se reuniam escondido para dançar e cantar em louvor a santa protetora.

Em sua tese de doutorado, BRASILEIRO (2019) explicita a historicidade do Congado em Uberlândia. Os primeiros relatos do Congado registrados no município de Uberlândia datam de 1874, quando negros escravizados nas fazendas começaram a se reunir próximo ao local conhecido hoje como Posto da Matinha. De lá, o encontro passou para a Praça dos Bambus e depois para a Praça Dr. Duarte, onde ficou por alguns anos. Uma igreja chegou a ser construída, mas a área nas imediações era uma região elitizada, que abrigava fazendeiros e comerciantes. No intuito de distanciar os festejos do centro da cidade, os congadeiros foram deslocados para uma área periférica, atual Praça Rui Barbosa, em 1891. Uma capela foi estabelecida para que os negros pudessem fazer suas orações separados dos brancos. Ganhou a alcunha de Igreja do Rosário, assim como a festa em louvor à santa, comemorada em sete de outubro.

O processo de construção de identidade cultural do Terno de Congado em relação à resistência da luta contra o racismo é imprescindível para compreendermos o movimento da Tradição Oral do Congado na dialética do cotidiano de Uberlândia. Há duas críticas que precisam ser articuladas aqui. A primeira trata-se de questionar o uso do termo folclórico, como algo estático, do terno para que compreendamos a natureza da

realidade comunicativa. Trata-se de festejos realizados por afrodescendentes que vivem os dilemas no cotidiano de Uberlândia, em que o racismo e o sistema econômico que o empurra violentamente para a marginalidade geográfica e periférica da cidade vão determinando as lutas sociais que se travam seja pela identidade, seja pela resistência. Por outro lado, há de se discutir aqui o esvaziamento do uso do termo fenômeno. Essa denominação parte de um reducionismo sobre o movimento negro em que o olhar é direcionado somente para o desfile de outubro, enfatizando uma suposta beleza que retira o sentido humano e sociabilidade vivenciada, em todo ano, do sujeito negro. É sobre esse elemento de identidade cultural que BRASILEIRO (2006) enfatiza a multiplicidade de elementos que caracterizam o Congado em Uberlândia:

Por outro lado, as Congadas teriam seu ápice em dois dias de festejos. Nesse período, haveria o encontro de todos os grupos a desfilar pelas ruas centrais com seus cantos, suas gestualidades e seus modos percussivos específicos. Diante disso, poder-se - ia deduzir que nas Congadas se concentrariam uma multiplicidade de elementos capazes de caracterizar a festa enquanto reafirmação de identidades culturais: desfiles; procissões; missas campais; coroações de reis e rainhas; coroações dos Festeiros de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário; visitas recíprocas dos grupos; convidados da região e espectadores; longas caminhadas pelas ruas da cidade no segundo dia de festa; o levantamento dos mastros de São Benedito e de Nossa Senhora e de outros santos de devoção; o aglomeramento de pessoas e Congadeiros nos respectivos quartéis na hora do almoço, do jantar e a disputa deles pelos lugares públicos: ruas, avenidas, passeios e praças. (BRASILEIRO, 2006, p. 20)

Para este artigo, há uma delimitação histórica importante para analisar a produção social da identidade da mulher negra. É considerar que no movimento histórico do Congado, na década de 1970, há uma alteração qualitativa na organização do Congado em decorrência da atuação feminina. De certa forma, desde o seu início, as mulheres sempre estiveram presentes. O ponto agora é a alteração em componentes ativos na funcionalidade destinada aos homens. “De portadoras de bandeiras a carregadoras de estandartes, elas ocupam a estrutura de um grupo de Congado, sendo presidentes, capitãs, mães de santo e protetoras espirituais e, igualmente são percussionistas de vários instrumentos” (Brasileiro, 2019, p. 59). É neste movimento de contraponto entre a identidade feminina que os depoimentos de duas mulheres do Terno Sainha, de Uberlândia, desvelaram a dialética da Tradição Oral.

Em outro trabalho (SOUSA, 2017) já havia articulado a relação direta entre o Terno de Congado Sainha, em Uberlândia, da qual mergulha a pesquisa, e a relação de identidade a partir das lutas travadas no cotidiano de Uberlândia:

---

A primeira identificação é considerar que o terno Sainha surge, em 1897, a partir da família de negros africanos. O que significa que o primeiro movimento de existência do negro em Uberlândia é datado pouco depois de Uberlândia ser emancipada como município, em 31 de agosto de 1888. O que podemos considerar como análise é que há, de alguma forma, esta organização na sociabilidade do ser negro que se efetiva no movimento de criação do terno de Congado na cidade. Como periodização podemos considerar que a organização e a sociabilidade pode ser diagnosticada como anterior à Uberlândia se efetivar como cidade. E aqui podemos considerar que a posição conceitual da identidade está definido pela existência de homens e mulheres, neste pequeno grupo de família, que perpassam nessa produção de sentido sobre esse movimento cultural e religioso do Congado. (SOUSA, 2019, p.03)

É a partir desta compreensão da luta do Congado enquanto identidade cultural que podemos entender a dimensão dos dilemas da mulher negra. Pois se por um lado a discussão se efetiva enquanto luta ao racismo e a violência estrutural da elite no processo de marginalização social e política, por outro, a mulher negra precisa realizar outros enfrentamentos em seu processo interno dentro de grupos que tem como pressuposto a história oral como esfera epistemológica.

### **Metodologia**

A pesquisa, que se encontra em processo de finalização, é desenvolvida a partir da abordagem metodológica de Análise Cultural, por meio da linha teórica dos Estudos Culturais, a partir do método dialético. O mergulho nas análises procura identificar os movimentos de tensão e conflito que sustenta o efetivo contato e o consistente diálogo com os integrantes do terno Congado Sainha. A primeira defesa está em que a análise do Congado não se faz a partir do culturalismo, em que a cultura toma dimensão autônoma em relação a outras esferas de produção de sentido. Neste culturalismo, o Congado é torna estático ou esvaziado em seu significado social e político sob as argumentações de ser bonito ou “importante” para a sociedade como patrimônio diante de uma tradição. Esse conceito de tradição será analisado mais adiante.

Por outro lado, é preciso considerar que não se trata de uma análise estruturalista, em que há o esvaziamento dos sujeitos deste processo, sob a alegação do fenômeno. E aqui está uma preocupação metodológica em reconhecer o estado de conflito que se estabelece na relação de poder que desvia a cultura de seu sentido dinâmico e materialista. A análise cultural parte da contestação de que a cultura não é determinada pelo econômico como estático, mas está em situação de tensão e conflito no movimento da história que precisa ser desvelado na produção de sentido e significado do sujeito

---

### Como apresenta MORAES (2016)

empreender uma análise cultural comprometida com as conjunturas dadas pelas próprias práticas sociais de dado objeto de estudo passa por um tipo de reflexão que inclui as inter-relações de todas essas práticas, buscando suas regularidades, isto é, os padrões que nelas se repetem e, também, o que representa rupturas desses padrões. (MORAES, 2016, p. 33)

E ao prosseguir em sua análise sobre a análise Cultura, MORAES (2016) torna explícito o conceito de WILLIAMS (2003), ao definir a teoria da cultura como “o estudo das relações entre os elementos de todo um modo de vida”.

A análise da cultura tem o intento de descobrir a natureza da organização que constitui o complexo dessas relações. A análise de obras ou instituições específicas é, neste contexto, a análise de seu tipo essencial de organização, as relações que umas ou outras encarnam como partes da organização em seu conjunto. Nela, a palavra-chave é “padrão”: qualquer análise cultural útil se inicia com o descobrimento de um tipo característico de padrões, e a análise cultural geral se ocupa das relações entre eles, que às vezes revelam identidades e correspondências inesperadas entre atividades até então consideradas em separado, e em outras ocasiões mostram descontinuidades imprevistas. (WILLIAMS, 2003, p.56)

É dentro desta questão da análise cultural, em que a compreensão das relações vai desvelando identidades e correspondências inesperadas, com descontinuidades imprevistas, que o conceito de Tradição Oral será compreendido em seu sentido dialético. Ao abordar sobre a tradição viva, a partir da análise da Tradição Oral, na África, HAMPATÉ BÂ (2010) efetiva um enfrentamento epistemológico em que tradição, oralidade e escrita são postas em análise como produtora de conhecimento. Logo em seu início é necessário entender que ao tratar do termo tradição ele está diretamente associado à Tradição Oral, quando se está diante da história africana.

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda a espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 167).

Esse primeiro aspecto é imprescindível para compreender a dialética do Congado em Uberlândia, já que se trata da Tradição Oral e de ressignificação cultural afro-brasileira. Para que se consiga entender as redes de relações e produção de conhecimento é preciso considerar esse troca comunicativa, de geração em geração, como ponto fundante de sua produção de sentido. O que se está posto ao considerar a tradição oral é

---

o valor do homem em sua totalidade. É esse problema que HAMPATÉ BÂ (2010) enumera para considerar o valor epistemológico do debate entre a oralidade e a escrita.

Para alguns estudiosos, o problema todo se resume em saber se é possível conceder à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita quando se trata do testemunho de fatos passados. No meu entender, não é esta a maneira correta de se colocar o problema. O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. {...} Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra. Nada prova a priori que a escrita resulta em um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral transmitido de geração a geração. {...} O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 168).

A tônica da discussão tem um caráter epistemológico que vincula a Tradição Oral como constitutiva de conhecimento. E que apreende o valor nesta ligação profunda de totalidade entre o homem e a palavra. E como constitutivo deste debate HAMPATÉ BÂ explicita sua concepção do que consiste a Tradição Oral.

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169).

Com base nesta concepção de Tradição Oral enquanto movimento da cultura, que tem por concepção a totalidade do sujeito, que este artigo fará a análise do que vislumbra como paradoxo da Tradição no testemunho das mulheres negras do Terno Sainha. Ao se inserir neste embate, há outros conceitos fundantes que atravessam este artigo com a proposta de mergulhar nas dimensões do tempo presente, ao mesmo tempo em que o passado é desvelado a partir da posição crítica da mulher. E mais precisamente em um Terno de Congado que se coloca como principal indicativo ser o guardião da tradição em Uberlândia.

---

O conceito de identidade cultural, a partir de Stuart HALL (2014) redimensiona a concepção de totalidade apresentada já no conceito de Tradição Oral. Parte da proposta do tornar-se, enquanto produção social da identidade, e o reconhecimento de que ao reivindicar essa concepção, é o passado que é posto em movimento. Nesta mesma obra, Kathryn Woodward (2014, p. 19), ao abordar conceitual identidade e diferença, traz uma citação que possibilita categorizar a análise deste artigo.

Como argumenta Jonathan Rutherford, “[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora [...] a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação” (RUTHERFORD, 1990: 19-20)

Ao considerar esse processo de diálogo do passado e do presente, o conceito de memória se efetiva como pertinente, ao nos colocar em novo vínculo com a realidade. E aqui podemos apresentar o dilema de Michel POLLACK (1992), se é possível ou em que dimensão seria possível separar memória de identidade. Afirma-se aqui que a memória é uma construção social, “como sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.” (POLLACK, 1992, p 204)

Em mesmo grau de importância o conceito de cotidiano é empregado aqui como espaço de tensão e conflito por meio de Agnes HELLER (2000). O ponto principal é estabelecer esse diálogo em que a valoração histórica do cotidiano coloca como elemento central na redefinição do movimento do sujeito. “A vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social”. (HELLER, 2000, p. 20).

### **Produção Social Identidade da Mulher Negra**

Qual o sentido do papel da mulher na configuração do processo comunicativo do Terno Sainha? E de que forma, é possível, que uma tradição oral restabeleça novos significados sem que isso desconfigure sua identidade enquanto tradição? Quais são as tensões e conflitos que permeiam a memória do terno como movimento de produção social da identidade da mulher? Esses problemas permitem ser enfrentados a partir dos depoimentos coletados nas entrevistas com Darci Rodrigues e de Cristina Perón. São duas mulheres negras que nasceram já no ambiente do Terno Sainha e estabelecem relação de suas vidas diretas com o Congado como Tradição Oral.

---

O depoimento, em forma analítica, de Cristina Perón, permeia esse confronto teórico de existência e resistência do próprio significado do terno Sainha. Primeiro porque ao se configurar como tradição, há contrapontos que ressoam como paradoxo: manter a concepção inicial ou redefinir novos sentidos? E o segundo fator está associado neste mesmo dilema: o fato da maioria ser homens da “terceira idade” tornam o processo de construção de identidade feminina mais agudizado como enfrentamento social.

Cristina é originária de uma família que tem participação efetiva no Terno Sainha, em Uberlândia. Desde criança, por meio da sua mãe a avó, vivenciou o Congado em seus diferentes estágios: de expectadora quando criança, passando a carregar a bandeirinha, para em seguida participar como mulher nos ternos e, por meio de seu conhecimento, a contribuir com projetos com a comunidade para levar esse conhecimento do Congado para outras pessoas. Há, portanto aqui um fator subjetivo da produção social da identidade da mulher negra com Cristina Perón. E essa história do sujeito não pode estar dissociada do fator objetivo: que é a luta pelos direitos e deveres do ser mulher em uma sociedade denunciada pelo machismo.

Ao crescer esses fatores externos e internos da subjetividade de Cristina, somos obrigados a retornar à discussão da tradição oral permeando nova problemática: em uma tradição oral, como é possível justificar determinadas regras, somente pela continuidade, quando o que está em jogo é o estado de sujeito das pessoas que compõem o significado do terno? É essa a problemática desferida por Cristina Perón ao mesmo tempo em que denuncia a violência inserida pelo capital sobre a cultura.

Para compreender o dilema de Cristina Perón é preciso primeiro distinguirmos aqui o que ela irá denunciar como tradição enquanto violência. Não se trata, é claro, desta Tradição Oral Viva como apresentamos no início deste artigo. Quando o movimento do valor do sujeito, da cultura, se dissocia do movimento do valor do seu grupo, é preciso redimensionar quais forças estão em luta nesse processo. E se utilizamos a Tradição Oral Viva de um lado, por outro trataremos como Tradição estrutural, essa que busca se sustentar como norma esvaziada do tempo e espaço do sujeito.

Como parte da sua existência, Cristina narra a sua trajetória como mulher no interior do Congado, sinalizando a produção de sentido.

Então como venho da família, do Congado Sainha, então meus padrinhos da época, minha tia que é irmã da minha mãe, e filha da minha avó, ela incentivou eu carregar a bandeirinha, que é a menor, de criança. Então, para incentivar a



---

juventude e a parte de criança entrar no Congado. Então, este convite se deu por parte da minha tia Abadia, que é madrinha do Zezão, que o atual presidente do Congado. **[Como foi este convite, você se lembra?]** Então, como eu era muito novinha, naquela época **[Quantos anos?]**, eu deveria ter uns oito anos idade, eu acho, praticamente isso. Então, como eu gostava muito do Congado, então, eu passei a carregar a bandeirinha e participar dos terços junto com a minha família. Na época que eles tinham os terços nas residências, das pessoas para orar antes do leilão. (ENTREVISTA, Cristina PERON, 2023)

O ponto principal da identificação de Cristina é que faz parte de uma família que está inserida e vivencia profundamente as raízes do Congado Sainha. O que remete a um elemento de identidade, já que se trata não só de uma mulher negra, mas dos caminhos trilhados por famílias negras no contexto da modernidade. O convite fora realizado pela tia Abadia, madrinha do Eustáquio, o Zezão, então presidente do Terno Sainha. Esse ponto demarca a força com que a família possui na relação de tradição oral do Congado. E é por essa relação que Cristina afirma que passou a se envolver com o Congado, e de forma prática, aceitou o convite de participar dos desfiles carregando bandeirinha. O carregar a bandeirinha, longe de ser uma atividade mecânica, se efetivou como primeiro passo nesta construção de identidade de ser Congadeira.

Se por um momento, como criança, Cristina Perón aceitou carregar a bandeirinha do Terno Sainha, o esclarecimento de que o critério era por ser virgem, como respeito à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, a levou, meio século depois, ao questionamento desta Tradição Oral. Já abordamos neste artigo sobre a revolução de gênero desencadeada pela mulher na década de 1970 e que trouxe consigo as alterações no constitutivo dos ternos. O ponto aqui de discussão é sobre um tema sensível na disputa de gênero: a sexualidade. E inserido nela: a exigência da virgindade. A luta interna que se materializa dentro de um paradoxo que pode ser medido por uma pergunta: O que significa carregar a bandeira, para Cristina, no movimento da produção de sentido da cultura do tempo atual, agora com 62 anos? Na prática reflexiva da memória, outra pergunta se eclode como necessária. Será possível que no mesmo sentimento que conduz ao sujeito enquanto pertencimento de uma comunidade haja o seu reverso como problema na temporalidade, leia-se violência, para seguir o processo identitário?

É importante frisar aqui as consequências deste debate na mudança de concepção que podemos estabelecer de Tradição. Cristina é uma das vozes que ressoa enquanto um discurso e atitude que exige uma transfiguração no plano interno de valores do Congado Sainha. Cinco décadas se passaram desde a decisão de desfilar como bandeira aos oito

anos de idade e o tema da virgindade, para carregar a bandeira, se transfigurou em elemento decisivo no embate sobre a identidade. E mais do que isso: exige que se instaure o debate sobre o papel social da mulher em uma tradição oral. Há aqui duas concepções sobre o conceito de tradição que se tensionam. O primeiro, que refere-se a identidade, é a tradição em movimento, construída por sujeitos a partir de seu processo de transformação na realidade. A segunda, essa denunciada como opressiva por Cristina, é a tradição estática, edificada por uma estrutura que desconsidera a historicidade dos sujeitos para se firmar como algo dado.

Um exemplo assim, o caso que eu te falei das pessoas serem virgens, de onde ele tirou isso? Qual critério que ele utilizou para determinar com que as mulheres, naquela época, tinham que ser virgens para carregar a bandeira. Qual critério? Isso não está escrito em lugar nenhum – e lá foi implementado naquela época pelo presidente do Congado [Mas isso era geral! Não era só o Sainha!] Não! Eu sei, o congo Sainha eu falo com propriedade, porque eu dancei, participei né, então este era o critério, isso não está escrito em lugar nenhum, isso era uma regra, uma norma, que foi determinado pelo capitão do Congado na época - entendeu. É! Hoje, isso deve ter mudado com certeza. (ENTREVISTA, Cristina PERON, 2023)

Ao responder a pergunta sobre em que consiste essa “tradição”, ela é tácita para definir o poder que sustenta esse conflito.

Machismo puro – não tinha critério, não tinha uma regra, não tinha uma norma escrita, era tudo determinado pela cabeça do capitão, dos capitães da época, entendeu! Era uma norma criada por eles, de geração em geração, ia passando, como Congado é tradição oral, então, não se tinha nada escrito – então, tudo foi por transmissão oral. (Entrevista, Cristina PERÓN, 2023)

Na entrevista Cristina argumenta como o machismo está interiorizado até pelas mulheres, quando a madrinha da bandeira se encarrega de fazer esse controle Cristina revela que a própria madrinha da bandeira, em anos anteriores, trazia esse ponto como defesa.

É uma questão de machismo, você concorda que uma mulher, madrinha da bandeira, tinha este mesmo pensamento, entendeu – então ela tinha o machismo dentro dela. [...] Eu acho que isso aí era um tabu, eu acho que isso não precisaria existir, eu acho que a pessoa que gosta, que tem fé, então tem que participar, independente da sexualidade dela – entendeu! – eu acho que isso deve ser abolido, em todos os congados. (Entrevista, Cristina PERÓN, 2023)

Cristina Perón se lança mão da crítica à Tradição oral quando considera, a partir de suas lutas sociais, como mulher negra, que esse tema da virgindade ressoa como

violência. Principalmente quando ela exterioriza que o tema era tabu, motivo pelo qual não se discutia com a menina, nem na família, nem no Congado, sobre esses temas de forma que permitisse o entendimento do que acontecia com o seu corpo, nessa passagem de menina para mulher. E foi assim por meio da discussão da virgindade, denunciada como ato machista. Ela parte do pressuposto de que carregar a bandeira poderia ser questão normativa de ter fé em vez do ser virgem. É a partir deste embate que Cristina elucida como nesses debates internos, a mulher conquistou novos espaços e tempos no sentido da Tradição Oral do Congado Sainha.

A segunda entrevistada é Darci RODRIGUES, que atualmente ocupa a posição de Rainha perpétua do Congado em Uberlândia. Darci RODRIGUES (Entrevista, 2021) também começou desde criança, no Terno Sainha. Filha de Celinara e João Romão, ela faz questão de frisar que os pais eram Congadeiros do terno Sainha. E principalmente que o pai era caixeiro por mais de quatro décadas no Terno, e a mãe acompanhava o desfile. É importante entender quando se apresenta o termo acompanhar o desfile, enquanto mulher, em detrimento do desfilar do homem. Em que momento Darci Rodrigues se sentiu efetiva no Terno.

É, porque meu pai, o terno que ele gostava era sainha e ele dançava, e a gente acompanhava por causa dos pais. Porque ele já dançava, achava bom e a gente ia junto. Então eu fui crescendo no terno ali. E depois casei também no terno lá, que eles dançavam congo e eu lá junto, então nós casamos no sainha. [risadas] (ENTREVISTA, Darci RODRIGUES, 2021)

De casada com seu José Rodrigues, Darci foi convidada, em 2016, para uma nova posição social no Congado: o de rainha Perpétua. Essa experiência vivida intensamente no Congado possibilita compreender o espaço e tempo de historicidade em que Darci Rodrigues pode abordar a transformação do papel social da mulher na Tradição Oral do Terno. É sintomático que a rainha Perpétua demarca a partir do uso dos termos, antes era ruim, agora está melhor, a linha histórica do significado do papel da mulher.

Antigamente, eu achava mais ruim. Nós não tínhamos participação. Mulher nenhuma no meio do terno! Não podia entrar, não podia dançar! Só acompanhava. Hoje a mulher tá ajudando o congado, de toda parte! Elas ajudam a cantar, elas ajudam a bater, elas ajudam junto, o terno fica até maior... e todo congo tem muita mulher a ajuda a cantar e ajuda... E naqueles tempos... é... tinha uma, uma... rigidez tão forte que as mulheres não podiam entrar no meio do congo. Nós não entrávamos, só acompanhava! É aonde que eu não tinha participação. Eu não ia pra bandeira. A gente já veio, não ia, então só acompanhava. Hoje em dia as mulheres, tá muito bom. Tá muito... ajudando muita coisa. (ENTREVISTA, Darci RODRIGUES, 2021)

Qual o significado do uso desses termos, ruim e bom, utilizados por Darci Rodrigues para se referir à participação, como sujeito, da mulher negra no Terno Sainha? O ruim está diretamente associado a uma qualificadora explicitada por Darci Rodrigues como rigidez forte ao ponto de fazer com que a mulher se sentisse uma ausência efetiva de ser participante do terno. E essa rigidez está associada novamente a uma tradição Oral estrutural, cuja normativa esvazia de sentido os sujeitos que a movimentam para se instaurar com suposto teor de historicidade. Mas a denúncia que se efetiva é de uma ação prática reducionista. E que se por um lado, torna para uns como bom, e para outros como ruim, é que essa norma se vale de uma hierarquização de valores.

Darci Rodrigues é enfática ao tratar que o passado ruim é bem diferente do que se apresenta na atualidade. Ela explica que hoje as mulheres conquistaram espaço até dentro das baterias, espaço que era essencialmente masculino. E essa mudança, argumenta, vai definindo os sentidos de mudanças no terno e do próprio Congado. Em que momento é possível identificar esse processo de transformação do sentido da própria mulher no movimento da tradição do Terno Sainha? Darci Rodrigues apresenta que essa mudança está contida nesses decorrer dos anos, do qual tratamos como movimento histórico. Ela relata que esse processo foi “com os anos. Foi mudando, uns foi pondo, os outros foi achando bom [risadas]. E vendo que estava dando certo, e lá vai, né. Eu acho que melhorou muito” (ENTREVISTA, Darci RODRIGUES, 2021)

Há dois pontos que precisamos compreender por Darci Rodrigues e que possibilita dimensionar o estado de tensão e conflito neste movimento da cultura como tradição. O primeiro é sobre o momento em que consegue identificar que as mulheres, de acompanhante, passaram a ter um papel de destaque.

Eu não sei... te lembrar, d'eu lembrar de qual que começou. Não sei. É... Falar assim: “ah, foi o terno fulano”. Não... Aí foi entrando, entrando, as terna é grande demais, é muita gente, agora a gente já acostumou. As mulheres batem até caixa. [risadas]. e é bom. Eu vi um terno lá com uma mulher chocalheira que eu, pelos anos que eu tenho, eu vejo mudando. Bater caixa eu sei que você tá batendo certo ou se você está batendo errado! Se eu vejo um chocalheiro, a mulher... seja homem ou mulher, você sabe que no chocalho, eu sei se ele é ruim ou se ele é bom, no chocalho e de tudo. Não bato, mas eu sei. Então, é onde que eu falo. Vai mudando, você vai vendo como que é. (ENTREVISTA, Darci RODRIGUES, 2021)

No plano objetivo, Darci Rodrigues não lembra qual foi o primeiro Terno que iniciou esse processo com as mulheres. Entretanto, seu testemunho desvela uma linha

demarcatória de transformação dos Ternos. A cada ato da fala de Darci, ao enumerar o ingresso da mulher em novos setores do Congado, reconhece-se as lutas travadas de valor e de sentido e significado. Do tempo passado em que só acompanhava até a consideração de que tem mulheres que batem caixa e chocalho. E com essa nova naturalidade, resultante das conquistas de gênero, é iminente questionar se essa nova configuração provocou mudança no sentido do Congado.

Ah, muda, né. Muda muito. [silêncio] Pra mim, eu achei que mudou muito mesmo. Bandeira: hoje em dia tem terno que tem muita, mas no terno do sainha só tinha quatro menina, uma no meio... e era uma de cada lado assim e duas e uma no meio. E a madrinha. Não tinha, no começo, muita menina. Agora que tá com mais. Já enche o terno, já tem muita moça... pra dançar, pra ajudar, pra cantar. E também as meninas não cantava! Elas não... a, a, a, a dona que mexia não deixava... dançar, não deixava cantar. Elas iam durinha! [risada] Então eu acho que mudou muito, muito mesmo, pra melhor. [risada] (ENTREVISTA, Darci RODRIGUES, 2021)

### **Considerações Finais**

Os depoimentos de Darci Rodrigues e de Cristina Perón possibilitam analisar a complexidade do movimento do Terno Sainha ao se configurar como Tradição Oral diante da produção social da identidade da mulher. Ao mesmo tempo em que luta contra a opressão social, contra o racismo em uma cidade mineira, em seu interior, como movimento Cultural, a luta de existência e resistência também se processa pelas mulheres. A análise deste processo está no paradoxo do movimento de identidade do Terno Sainha. Pois ao mesmo tempo em que o conceito de tradição é denunciado como estrutural, como violência ao sujeito mulher, é a própria tradição oral, como legitimadora do machismo, que é colocada em questionamento. E o movimento de produção social da identidade da mulher ratifica a problematização do cotidiano como sentido no tempo presente, ao mesmo tempo em que obriga a reformular o significado, pela memória, do tempo passado. E com isso muda o lugar de conhecimento para considerar o Congado em seu processo comunicativo.

As mudanças indicadas pelas duas mulheres do Terno só podem ser compreendidas por sua experiência vivida e pelas lutas e conquistas neste processo histórico. Seria reducionista considerar que ao questionar a oralidade, a partir da violência

estrutural, Cristina Perón estivesse dimensionando a escrita como superior no processo de conhecimento. Pois o paradoxo é que no mesmo movimento em que questiona essa dimensão ao tratar da questão do machismo, o que está posto é o momento em que a palavra perde sua força viva para que todos vivenciem como sujeito do processo. Ao assumir como rainha perpétua, Darci Rodrigues entende a ancestralidade da qual se ressignifica em Uberlândia e vai, aos poucos, reconsiderando o passado com normas rígidas para o movimento do presente, em que a mulher passa a assumir novos sentidos. Seja pela violência sentida por Cristina, seja pela rigidez exposta por Darci, o terno Sainha de Uberlândia, vai se ressignificando em seus sentidos e significados, ratificando, a partir da dialética do cotidiano, uma reformulação constitutiva de gênero nesta complexidade do cotidiano instaurado, como campo de conhecimento, pela Tradição Oral Viva.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança dos velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASILEIRO, Jeremias. **O ressoar dos tambores do Congado: entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955-2011)**. 2012. 192f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG), 2012.
- \_\_\_\_\_. **Congado em Uberlândia: espaço de resistência e identidade cultural 1996-2006**. 2006. 74 f. Monografia (Bacharelado em História), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG), 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. V. 1 e 2. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994. e 1997
- \_\_\_\_\_. **A Cultura no Plural**. Campinas (SP): Papyrus, 1995.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Ed. Autentica.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardiã Resende ... (et al). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva e Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Coord.). **História geral da África**. 2. ed. Brasília, DF: Unesco, 2010. v. 1. p. 167-212.
- LIMA, Raquel Sousa. O conceito de cultura em Raymond Williams e Edward P. Thompson: breve apresentação das idéias de materialismo cultural e experiência. **Revista Cantareira**, História da UFF, 2004, 8 edição on-line.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- MORAES, Ana Luiza Coiro. A Análise Cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Questões Transversais – Revista de Epistemologia da Comunicação**, Vol. 4, n. 7, Jan-Jun. 2016, p. 28-36.

- 
- POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15
- \_\_\_\_\_. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p.200-215
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do indizível ao dizível. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.) **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 14-43.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SOUSA, Gerson de; BERTONI, Clarice. A produção de sentido na dialética da reconstrução histórica do Congado em Uberlândia. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, vol. 6, n. 2, 2019. P. 109-125.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Trad. André Glasser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- \_\_\_\_\_. 2003 [1961]. **La larga revolución**. Buenos Ai-res, Nueva Visión.